

# A estética nazista e o regime autoritário

*The nazi aesthetics and the authoritarian regime*

MILDRE SOARES SILVA

Discente do curso de História (UNIPAM)

E-mail: mildresoares1999@gmail.com

ALTAMIR FERNANDES DE SOUSA

Professor orientador (UNIPAM)

E-mail: altamirinho@unipam.edu.br

---

**Resumo:** Hitler, o responsável pela estruturação e pela manutenção do Regime Nazista (1929-1945), foi um grande apreciador de variadas formas de arte. O fascínio dele pelas expressões artísticas fez com que a Alemanha se transformasse artisticamente, principalmente no campo arquitetônico. As mudanças sociais e estruturais no país fizeram com que a população aceitasse a ditadura hitleriana sem maiores questionamentos, pois os alemães acreditavam na necessidade de purificação do que chamavam de “raça ariana”. Os objetivos deste trabalho foram narrar a ascensão do Regime Nazista ao poder, compreender como as diversas formas de arte auxiliaram no processo de formação do Estado Nazista, definir a importância da arte para Hitler e demonstrar como era a organização social da época. Trata-se de um estudo descritivo e analítico, de natureza qualitativa. A análise de textos e de documentários realizada para efetivação de tal projeto resultou em resultados parciais, mostrando como a sociedade alemã foi levada a crer na necessidade de mudança e de purificação social, racial, econômica e artística. Além disso, foi possível perceber que os meios de comunicação influenciam nas decisões sociais até hoje. Pôde-se concluir, portanto, que Hitler foi um líder distinto e focado no seu propósito de purificação alemã e que a guerra foi um divisor na manutenção do Regime no país. É importante ressaltar o quão problemático foi o Regime Nazista no período em que foi vigente e o quanto ainda existe influência de tal forma de Estado.

**Palavras-chave:** arte; Hitler; nazismo.

**Abstract:** Hitler, the architect and maintainer of the Nazi Regime (1929-1945), had a strong appreciation for various forms of art. His fascination with artistic expressions led to a transformation of art in Germany, particularly in the field of architecture. The social and structural changes in the country resulted in the German population accepting Hitler's dictatorship without significant questioning, as they believed in the need to purify what they referred to as the “Aryan race.” The objectives of this study were to narrate the rise of the Nazi Regime to power, understand how various forms of art contributed to the formation of the Nazi State, define the importance of art for Hitler, and demonstrate the social organization of the time. This research employed a descriptive and analytical approach with a qualitative nature. The analysis of texts and documentaries conducted for this project yielded partial results, revealing how German society was led to believe in the need for social, racial, economic, and artistic change and purification. Additionally, it became evident that media influences social decisions even today. In conclusion, Hitler was a distinct and focused leader in his mission of German purification, and the war played a pivotal role in maintaining the Regime in the country. It is

important to emphasize the problematic nature of the Nazi Regime during its reign and the enduring influence of such a form of government.

**Keywords:** art; Hitler; nazism.

---

## 1 INTRODUÇÃO

O nazismo, ou nacional-socialismo, foi um movimento ideológico nacionalista, imperialista e belicista que se desenvolveu na Alemanha, seguindo os moldes do fascismo italiano e estando sob a liderança de Adolf Hitler (1933-1945). Tal movimento consistia numa mistura de ideais e de preconceitos a respeito da pretensa superioridade da “raça ariana”. O nazismo não foi um movimento completamente novo na sociedade alemã, visto que já existiam outros movimentos que compartilhavam de seu nacionalismo exacerbado e de seu racismo, sob a justificativa de criar uma sociedade militarista e reacionária, superior ao resto da humanidade.

À busca constante pela purificação racial, social e artística da sociedade alemã, foi disseminada uma política elitista e racista, sendo responsável por um dos maiores extermínios em massa de uma população. Durante o governo, apesar do tempo que a guerra demandava, Hitler dedicava-se a fiscalizar e a escolher obras de arte e esculturas que deveriam ser apresentadas nas diversas exposições que ocorriam na Alemanha, como a *Grande Exposição de Arte Alemã* e a *Casa de Arte Alemã*, ambas inauguradas em julho de 1937. Segundo Hitler (SILVA, 2021, informação oral), tais exposições traziam “a nova e genuína arte alemã”, além de representar “o fim da loucura na arte e a negação da cultura alemã”.

Este artigo procurou construir uma síntese da relação entre as diversas manifestações artísticas no processo de nascimento e de consolidação do regime nazista na Alemanha a partir de 1933. Além disso, pretendeu-se mostrar como Hitler dava importância às questões acerca da arte, da arquitetura e da propaganda, enfatizando a potencialidade delas para a manutenção do poderio hitlerista. Por fim, adentrou-se na discussão específica ao tratar da relação entre a expansão territorial alemã durante a Segunda Guerra Mundial e o regime autoritário ao longo dos anos em que Hitler ocupou os cargos de líder político de maior importância da época. Vale ressaltar como os ideais nazistas ainda reverberam no mundo contemporâneo e como a falta de conhecimento e de vontade de aprender sobre os erros passados ecoam na atualidade.

Em busca de alcançar os objetivos propostos para esta investigação científica, utilizou-se da pesquisa bibliográfica: artigos científicos, teses e livros nacionais e internacionais.

O principal motivo para a escolha da temática foi a necessidade de relembrar o passado, baseando-se no preceito de que se pode aprender com os erros cometidos ao longo da história e de se expor o quão cruel foi o processo de “purificação” da qual ficou conhecida como “raça ariana”. Com isso, vale destacar como os ideais nazistas, afirmados e aclamados durante os anos de 1933-1945, ainda influenciam pessoas e grupos na atualidade. Pode-se ressaltar que, com o aumento de pessoas simpatizantes ou apoiadoras do nazismo (chamado atualmente de neonazismo), há a necessidade de se falar sobre as atrocidades realizadas por esse regime autoritário.

Portanto, faz-se necessário lembrar como a barbárie humana tornou-se neutralizada, já que a busca pelo conhecimento de fatos históricos que impactaram profunda e negativamente a população mundial parece não ter mais o impacto que deveria. Considerando-se esses fatos, a importância deste trabalho é evidenciar como a Alemanha Nazista se levantou, se manteve e perdurou por tanto tempo, mesmo estando em guerra. Além disso, é relevante salientar como a arte, nas suas mais diversas formas, pode influenciar regimes autoritários a manterem-se no poder.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

Como já afirmado anteriormente, o nazismo foi um movimento ideológico nacionalista, imperialista e belicista que esteve no poder na Alemanha, entre os anos de 1933 a 1945, podendo ser definido como um projeto totalitário que propôs a formação de uma sociedade organizada em torno de um corpo único e indivisível. No livro de D'Alessio e Capelato (2004, p. 10), o totalitarismo é definido como “[...] uma visão de mundo que concebe a história e a vida como um todo homogêneo, harmônico e coeso, sem espaço para a diferença e para a divergência. O social é expressão da perfeição, da verdade e da beleza”.

A ascensão de Hitler, em 1933, foi resultado de um longo processo histórico dentro da Alemanha, que estava tentando se reerguer do que foi a catástrofe da Primeira Guerra Mundial (1914-1918). A assinatura do Tratado de Versalhes e as duras imposições feitas por ele ao país, além da queda do imperador, de algumas tentativas dos comunistas de tomarem o poder e da queda da Bolsa de Valores em 1929, abalaram e fragilizaram ainda mais a economia e a própria sociedade, fazendo com que o houvesse a necessidade, mesmo que silenciosa, de algum tipo de mudança e de reestruturação do todo dentro da Alemanha.

Da forma como a Alemanha se encontrava, pode-se compreender o porquê de os alemães estarem mais propensos a seguir os anseios de qualquer ideologia de governo que se apresentasse mais atrativa do que simplesmente render-se à “ameaça socialista”. Vale ressaltar que o Partido Nazista seguia a linha do nacional-socialismo, mesmo tendo por proposta, como alternativa para o pós-guerra, a intervenção naquilo que foi colocado como propagação do socialismo no país, “porque o fato de o socialismo não ser percebido como alternativa viável a uma solução de problemas necessária não carrega, por si só, o peso da substituição da República então vigente pela ideologia nazista” (LIBDY; ANGELIM; MENDES, 2014, p. 2).

O nazismo se apropriou dos mais diversos artefatos para se manter no poder. A utilização de signos, de símbolos e de mitos em excesso caracterizou os anos em que Hitler esteve à frente do país e do partido. Os ideólogos do partido sabiam que a imagem convencia melhor que o abstrato ou que a ideia de algo e compreendiam a dinamicidade provocada pela manipulação dos mitos, o que fazia a razão perder lugar, dando espaço para o sentimentalismo. Como foi observado por D'Alessio e Capelatto (2004, p. 53), “o simbolismo baliza as consciências, abafa as resistências”, assim como acaba estimulando as energias e compensando os diversos tipos de frustração.

No decorrer dos estudos feitos acerca do tema, foi possível perceber que houve uma certa aproximação dos ideários nazistas com a Teoria da Evolução de Charles

Darwin. Segundo Weikart (2021, p. 18), “não importa o quão tortuosa foi a estrada de Darwin a Hitler; claramente o darwinismo e a eugenia doutrinaram o caminho para a ideologia nazista, sobretudo para a ênfase nazista na expansão, guerra, luta racial e extermínio racial”. Vale ressaltar que a opinião de Hitler sobre a ética e a moralidade não era reacionária, tampouco conservadora. Um exemplo disso é a questão da oposição de Hitler tanto ao aborto quanto ao feminismo: Hitler era contra o aborto nos casos em que ele fosse realizado em fetos considerados “arianos puros”, mas incentivava a prática se os bebês não se encaixassem nesse ideal de pureza.

A respeito da teoria darwinista, no decorrer dos anos e dos diversos estudiosos da causa, pessoas com deficiência e criminosos não foram os únicos cujas vidas foram desvalorizadas. Segundo Weikart (2021, p. 157), muitos social-darwinistas e eugenistas “condenaram a maior parte da população mundial ao reino do ‘inferior’. Consideravam as raças não europeias como variações da espécie humana [...]”. Com isso, houve um aumento de casos de racismo científico, tendo influência direta do darwinismo, embora o darwinismo defendesse a ascendência comum de todos os homens, implicando numa possível igualdade racial.

Alguns pensadores do social-darwinismo argumentam que o extermínio racial resultaria em um progresso moral para a humanidade, mesmo que fosse realizado por meios sangrentos. Segundo Weikart (2021, p. 270), “a brutalidade não iria necessariamente triunfar na luta pela existência, pois, como Darwin argumentou em *A origem das espécies*, a moralidade confere vantagem seletiva”. A respeito da importância das discussões sobre o racismo e do extermínio racial na Alemanha antes da Primeira Guerra Mundial, dificilmente pode ser considerada exagerada a discussão sobre o tópico do racismo alemão. Discute-se se o imperialismo foi uma causa ou um efeito do racismo, mas como o racismo, inevitavelmente, acabou servindo como justificativa para o colonialismo alemão.

De acordo com Weikart (2021, p. 271),

[...] a ideologia social-darwinista de Hitler – que se desenvolveu nos anos da Primeira Guerra Mundial – destacou proeminentemente o conflito e o extermínio raciais, e não apenas com relação aos judeus. Decerto o extermínio judeu era uma das maiores prioridades de Hitler, mas outras raças também faziam parte de sua agenda.

Foi disseminada, nessa época, a ideia de que as raças estavam presas em uma luta darwiniana pela existência que determinaria o destino da humanidade. Weikart (2021, p. 271) afirma que “essa luta, não importa se conduzida com impiedoso derramamento de sangue ou por meios pacíficos, iria enfim resultar na aniquilação das raças ‘inferiores’”. Até mesmo alguns alemães pacifistas acreditavam que não havia nada de errado no extermínio das raças que eram consideradas “inferiores”, mesmo que esses mesmos alemães contestassem a guerra entre as nações europeias. É perceptível, dessa forma, como o discurso eugenista acabou ajudando na disseminação de ideias sobre o extermínio racial.

Apesar de todo o projeto de disseminação das ideias de limpeza e de extermínio racial, havia muitos alemães que se opunham a esse ideário. O igualitarismo racial era ainda muito forte em alguns círculos. Embora o antissemitismo tenha dominado a atenção de muitos estudiosos acerca do racismo alemão, pode-se perceber que as ideias de extermínio racial não estavam necessariamente conectadas ao antissemitismo. Havia uma ligação entre as falas dos social-darwinistas e as dos eugenistas: quando se falava de raças inferiores, ambos os lados estavam se referindo a raças não europeias, especialmente indígenas americanos.

Hitler, por basear parte de seu discurso na glorificação da Antiguidade Clássica, principalmente na cidade guerreira de Esparta, considerava que “a guerra e o genocídio não eram apenas justificáveis, mas moralmente louváveis” (KURTZ, 1998, p. 70). Os ideais de Hitler são considerados perigosos, pois as políticas e as decisões dele partiam de ideias éticas perniciosas, mas coerentes. É possível compreender a popularidade de Hitler na Alemanha graças à dimensão ética de sua cosmovisão e das decisões políticas, visto que ele prometeu trazer prosperidade, saúde e poder para o povo, além de se comprometer com a busca pelo aprimoramento moral.

Hitler acabou adotando uma ética revolucionária, que tornava a aptidão e a saúde darwinianas os únicos critérios para os padrões morais. Segundo Weikart (2021, p. 306-307), “a luta darwiniana pela existência, especialmente a luta entre raças diferentes, tornou-se o único arbítrio da moralidade”. Para Hitler, a moralidade era pura construção humana, destruindo, assim, qualquer sistema ético que tente reivindicar a transcendência. Logo, ele não acreditava na existência de padrões morais universais e imutáveis. Tal aspecto do ideário hitlerista parecia reforçar o seu retrato como um niilista nietzschiano amoral, considerando ainda que, frequentemente, falava da necessidade de superar os obstáculos por meio de exercícios de uma força de vontade.

A respeito da justificativa utilizada por Hitler para qualquer imoralidade cometida contra pessoas fora da comunidade racial ariana, enquanto contribuía para o bem-estar dessa comunidade e, ao mesmo tempo, avançava na causa ariana, ele acreditava que a moralidade iria triunfar no final. Com isso, ações consideradas totalmente imorais atualmente (como o infanticídio, a eugenia e a eutanásia) passaram a desempenhar um papel central no aprimoramento social. Tais ações contribuíram para o objetivo final da política hitlerista: o “aprimoramento” biológico da espécie humana.

## 2.1 O REGIME NAZISTA E A “NOVA ORDEM SOCIAL” ALEMÃ

Durante os anos em que o nazismo vigorou na Alemanha, muito se falou na purificação da população alemã, que buscava a raça pura e o legado nórdico, e na ideia de uma purificação racial, arquitetônica e artística da sociedade. Em 1928, fundou-se a primeira organização cultural nazista, a Sociedade Nacional Socialista de Cultura Alemã, posteriormente chamada de Defesa da Cultura Alemã. Tal organização possuía um caráter purificador contra a arte moderna, buscando sempre exaltar a arte alemã, considerando a arte como “espelho da saúde racial”.

De todos os regimes totalitários da época, o nazismo foi o mais cruel e traumático. O Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães representava a espinha dorsal do regime, gravitando em torno desse partido os demais órgãos

importantes do governo. Havia uma relação entre o terror, a propaganda e a organização que se fazia por meio da violência, sendo isso visível até no linguajar usado por Hitler.

Hitler fazia parte do grupo de darwinistas que acreditava que a competição de grupos desempenhava um papel crucial no desenvolvimento das sociedades humanas e que ela influenciava, até mesmo, na evolução da moralidade. Alinhado a essa abordagem, o pensamento hitlerista acreditava que a competição racial era o fator primário a impulsionar a evolução e a história humana. Com isso, Hitler passou a desenvolver a sociedade alemã seguindo duas vertentes: a primeira seria a eugenia dentro da sociedade alemã, procurando aprimorar a saúde e a vitalidade da “raça ariana”; a segunda seria a luta racial contra aqueles fora da comunidade racial alemã.

A redistribuição da sociedade alemã foi marcada de forma que cada indivíduo teria um papel demarcado e específico. Havia dois pilares que sustentavam a sociedade alemã (D’ALESSIO; CAPELATTO, 2004, p. 31): “um de ordem política, constituído pelos homens, e outro de ordem moral, especialmente sob responsabilidade feminina, com a participação da juventude”. Na nova organização social nazista, a família ocupava o centro, pois dela dependia a formação dos cidadãos patriotas.

O papel feminino acabou sendo caracterizado pela responsabilidade de reprodução da raça, cabendo às mulheres o desempenho de funções relacionadas a sua biologia. Elas possuíam “valioso potencial genético”, ganhando relevância no papel de “mães dos filhos da pátria”. No que se refere ao plano profissional, tinham permissão de exercer funções consideradas essencialmente femininas, como as de professoras, de parteiras e de enfermeiras. O nacional-socialismo se opunha à emancipação feminina, processo que só ganhava força no restante da Europa, apesar de, naquela época, já existirem leis que garantiam certos direitos às mulheres.

A questão feminina ainda recebia influência de certos pontos da mitologia, visto que a maioria das construções mitológicas eram voltadas para o campo e o feminino. Segundo Lenharo (1986, p. 69) “a mulher camponesa está próxima da terra e dos ancestrais, e conjuga, portanto, perfeitamente, a visão essencial do ‘sangue e solo’”. Há uma releitura de *O Nascimento de Vênus*, retratando a mulher com os olhos azuis, quadris largos, seios e ventre salientes, feita exclusivamente para a procriação. A nudez, nesse caso, acaba sendo bem-vista, tratando-se puramente de uma alegoria.

Assim como em toda a Europa nos anos 1930, na Alemanha foram feitas campanhas em prol da natalidade, pagando um valor mensal referente a cada filho gerado. Enquanto o restante da Europa estava preocupado em aumentar o número de habitantes, a Alemanha estava preocupada em evitar o nascimento de crianças consideradas “inválidas”. Em 1935, foi instituído o aborto compulsório, destinado a uma parcela da comunidade feminina considerada inferior. Nenhuma mulher poderia fazê-lo sem passar por uma avaliação do Estado, pois, caso fossem consideradas reprodutoras importantes, ficavam impedidas de usar métodos contraceptivos ou de valerem-se do aborto, sendo forçadas a manter gravidezes, muitas vezes, indesejadas.

A construção do perfil de “guardiã da raça ariana” limitava a participação feminina em diversos espaços. A mulher era tratada como mera reprodutora, quase sem nenhum tipo de acesso às diversas “regalias” sociais. Como é ressaltado por Lenharo (1986, p. 64), “se exaltada como ente sagrado por suas funções biológicas, isso implicava também numa estratégia de poder de manutenção do confinamento feminino [...]”,

tratando-a como um ser ingênuo e “naturalmente puro”, não tendo permissão de participar da vida política, por exemplo.

Com o início da guerra em 1939, o papel da mulher na sociedade foi repensado, juntamente com os programas de reprodução. Como foi colocado por D’Alessio e Capelatto (2004, p. 33), “a presença da mulher no mundo do trabalho passou a ser indispensável”. A falta de mão de obra nas indústrias e em outras atividades, antes realizadas por homens, foi responsável pelo deslocamento das mulheres do lar para as indústrias [...]”. O número de mulheres, casadas ou solteiras, atuando no mercado de trabalho, quase dobrou em relação à época da República de Weimar, com quase 2,5 milhões de mulheres substituindo homens alemães que foram para a guerra.

A respeito do controle de natalidade, Weikart (2021, p. 185) descarta que todos os eugenistas, incluindo as feministas, defendiam o monitoramento de natalidade para as pessoas com algum tipo de deficiência congênita. Apesar de considerar essas pessoas inferiores aos “arianos puros”, era difícil restringir a reprodução delas. Havia alguns eugenistas que defendiam a persuasão moral como suficiente para controlar a natalidade dos “inferiores”, considerando resolvido o problema caso conseguissem convencê-los da não reprodução.

Weikart (2021, p. 200) aborda em seu livro que a maioria dos eugenistas consideravam a educação e a persuasão como algumas das inúmeras medidas da eugenia, que incluíam ainda medidas compulsórias e voluntárias. Ainda de acordo com o autor (WEIKART, 2021, p. 205), “uma sugestão popular entre eles era encarcerar deficientes físicos e mentais em asilos. Queriam transformar o encarceramento [...] num meio de impedir a procriação de doentes mentais”. Vale ressaltar que a maioria dos eugenistas considerava a criminalidade uma condição hereditária, sugerindo o encarceramento permanente de criminosos contumazes.

A vida sexual durante o regime não sofreu proibições fundamentais, claro no que tange à heterossexualidade. No que se refere à homossexualidade, homens e mulheres não heterossexuais eram considerados culpados por não gastar sua energia sexual para a procriação, além de sofrerem com a incriminação moral. Durante o regime, o adultério não era condenado e as relações pré-conjugais eram livres. O que, por muito tempo, foi julgado como imoral (mães solteiras e não preservação da virgindade, por exemplo), durante o Regime, não foi tão condenado, já que as mães solteiras eram honradas e a virgindade das moças era totalmente descartável.

A juventude durante o regime nazista recebia uma educação que “[...] visava a domesticação das vontades, a apreensão de símbolos, a formação de identidade e tinha como objetivo desenvolver o sentido de comunidade, obediência, autodisciplina, capacidade de defesa e coragem” (D’ALESSIO; CAPELATTO, 2004, p. 34). As questões relacionadas à beleza do corpo físico e à saúde eram muito incentivadas (claro que dentro dos padrões estabelecidos pelo Regime) e dispunham de conexões com a Antiguidade Clássica, em específico a cidade de Esparta, da Grécia Antiga, que tinha por base a “adoração” do corpo e sua fisionomia bela.

Os movimentos da juventude alemã aumentaram desde o fim da Primeira Guerra Mundial, seja com a ampliação das filiações aos que já existiam, seja com a criação de novos. Um dos movimentos mais conhecidos era a Juventude Nacional Socialista, que educava os jovens dentro dos princípios do Partido Nazista e tinha seu próprio estatuto.

A formação da Juventude Hitlerista foi baseada na violência, tendo o antissemitismo como principal bandeira e sendo o movimento mais atraente para os jovens. Os dissidentes das ideias nazistas sofreram diversos tipos de castigos, cujas punições incluíam enviá-los aos campos de concentração e, até mesmo, condená-los à morte. O movimento da Juventude Nacional Socialista e a Juventude Hitlerista foram os únicos movimentos juvenis organizados pelos nazistas. Eles eram compostos por diferentes seções para jovens do sexo masculino e do sexo feminino.

O sistema educacional durante o período nazista não apresentou nenhuma grande mudança em seu funcionamento e seguia os padrões já estabelecidos no século XIX. Entretanto, houve muito investimento em educação fora da escola, visando à formação das crianças desde sua concepção. Havia a padronização do ensino, com cartilhas distribuídas para os professores indicando a metodologia que deveria ser utilizada. O antissemitismo e os ideais do partido faziam-se sempre lembrados e utilizados em sala de aula. A respeito das universidades, o conservadorismo fazia-se predominante; os estudantes de esquerda estavam excluídos; os professores de origem judia eram desrespeitados e agredidos.

## 2.2 A ARTE E O REGIME NAZISTA

Durante os anos em que o regime nazista vigorou na Alemanha, houve a exaltação dos mais diversos tipos de arte. O *Führer* era um grande incentivador e apreciador das mais diversas modalidades artísticas, sendo que, antes da carreira política, tentou a sorte em uma famosa academia de artes da Europa, a Academia de Belas-Artes de Viena. Qualquer ocasião era sinônimo de algum tipo de feito grandioso e artístico. Segundo Kurtz (1998, p. 13),

[...] as artes foram convocadas para expressar o poderio e as razões de um regime eliminacionista e totalitário, foi a política que, em primeira e última instância, propiciou a insanidade nazista, oriunda de um partido eleito livremente pela sociedade alemã, que lhe outorgou apoio e participação incondicional.

De acordo com Lenharo (1986, p. 39), “a chave da organização dos grandes espetáculos era converter a própria população em peça essencial da mesma organização”. Hitler dava grande importância psicológica aos grandes eventos que o público era levado a participar, como as paradas e os desfiles cívicos, pois os eventos reforçavam os ânimos do militante nazista. As celebrações contavam com a participação na organização do próprio *Führer*, fazendo com elas ganhassem sentido religioso, similar a um culto, que acabou se tornando definitivo.

Para Lenharo (1986, p. 70), os momentos mais aguardados pela população eram os discursos de Hitler; o caráter emotivo da fala dele encadeava reações alternadas entre histeria e tensão. Ainda de acordo com Lenharo (1986, p. 42),



[...] se o massacre das lideranças das SA lembra o ritual de um batismo de sangue, os autos de fé, ou as cerimônias públicas de queimas de livro, lembram também uma mistura de caça às bruxas com ritual de exorcismo católico, em que a queima de diferentes obras incluídas num novo *Index Librorum* simbolizava a purificação do espírito nacional.

Além disso, havia, como já foi citado, o apreço pela Antiguidade Clássica “e os valores dela supostos, a exemplo de força, beleza e superioridade cultural” (LIBDY; ANGELIM; MENDES, 2014, p. 3). A Antiguidade era tão prezada que Hitler afirmava que “se falasse em antepassados, chamavam os gregos”; já Roma era a “República mais poderosa que já existiu”, e Esparta foi o “Estado de raça mais pura” (CRASNIANSKI, 2018, p. 170). Outrossim, havia certo apreço pelo legado nórdico e pelo mito do sangue puro alemão. Isso retorna à constante busca pela purificação ariana, buscando a dizimação total de judeus, de pessoas com algum tipo de deficiência, de homossexuais e de ciganos.

O que se entende hoje como Arte Moderna, passada pelas influências dos séculos XIX e XX com a Revolução Industrial, não era bem-vista na Alemanha Nazista. Essa arte era considerada desprovida de sentido, mostrando-se degenerada. Ressalta-se que a percepção de que o belo de Hitler também envolvia a própria guerra, tendo por estratégia mandar seus artistas para que pintassem, filmassem e retratassem lugares onde batalhas tinham sido travadas. As questões artísticas constituíam a base do desenvolvimento de Hitler como homem político.

Apesar da constante relação entre arte e política na Alemanha Nazista, diversos artistas, intelectuais e políticos alemães do século XIX deram provas de um relacionamento conflituoso entre o Regime e os diversos pensadores da época. Richard Wagner sempre demonstrou seu ódio à política, propondo, através do teatro operístico, que ela se transformasse num grande espetáculo e o Estado em uma obra de arte, cabendo ao artista tomar o lugar do homem do Estado (WEIKART, 2021, p. 100). Segundo Libdy, Angelim e Mendes (2014, p. 5),

[...] as características da ópera e da música de Wagner são peças-chave para o entendimento da ideologia e da estética (ambas estreitamente relacionadas) do Nazismo – tendo Hitler participação direta de até mesmo na apresentação visual do partido nazista (no que se refere ao desenho das bandeiras e dos uniformes do partido, por exemplo).

Para Libdy, Angelim e Mendes (2014, p. 8), Hitler tinha o sonho de que o mundo fosse povoado de grandes feitos, explicando, assim, sua inclinação para um tipo de heroísmo ingênuo. Hitler buscava transformar a Alemanha em um país considerado o centro mundial e transformar Berlim na nova capital mundial, superando Paris e sua arquitetura. Ao longo da guerra e da destruição das cidades e capitais rivais, Hitler

exigiu a preservação da capital francesa pela sua estética e por ela ser sua meta de superação. Segundo D'Alessio e Capelatto (2004, p. 59),

[...] as artes estavam no amago do projeto cultural nazista. Incentivadas e controladas pelo regime, as produções artísticas deveriam expressar a “alma ariana” e desempenhar função pedagógica na formação do novo homem alemão.

Acerca das construções arquitetônicas, Hitler buscava algo grandioso. De acordo com Lenharo (1986, p. 51),

[...] não se tratava apenas da pureza física ou da beleza cultural; uma determinada imagem da Grécia, associada a arte dórica, era também resgatada [...]. A arte grega, para os artistas nazistas, era “inseparável de uma certa glorificação da crueldade – da escravatura, do militarismo e da afirmação da supremacia da raça ariana sobre os bárbaros”.

### 2.2.1 A arquitetura nazista

Hitler considerava a arquitetura como a mãe das outras artes, devido ao seu grande poder de intervenção na vida das pessoas. A principal característica das obras realizadas nesse período foi a monumentalidade, pois “acreditava-se que as grandes construções suscitariam adesão por despertarem orgulho e entusiasmo nacionalista” (D’ALESSIO; CAPELATTO, 2004, p. 69). A arquitetura nazista também recebia influência greco-romana e possuía esculturas que representassem figuras mitológicas, atletas e soldados.

Os planos arquitetônicos de Hitler, assim que ele subiu ao poder, eram grandiosos. Para o *Führer*, a arquitetura deveria expressar a grandeza de um regime, de um povo e de uma raça, além do poder e da unidade alcançados pela nação. De acordo com Kurtz (1998, p. 10-11),

[...] mais de 40 cidades já contavam com projetos de reconstrução, além dos planos para a Grande Berlim. Há incontáveis imagens do *Führer* em minuciosos exames de maquetes, fazendo esboços, discutindo planos e projetos, comportando-se como um tipo de *Zelig* na presença de arquitetos talentosos.

Quando Albert Speer foi nomeado arquiteto-mor do Partido Nazista, ele fez uma colocação de como Hitler era apaixonado pela arquitetura e como o encontro de ambos era inevitável. Speer ficou conhecido posteriormente como “arquiteto do diabo” ou “arquiteto da destruição”, devido a suas contribuições para a Alemanha Nazista, apesar de se defender de tal título, pois se considerava apenas um arquiteto de Hitler.

Speer dizia que os acontecimentos e os atos políticos não lhe diziam respeito e que ele era responsável apenas por entregar os cenários impressionantes.

O “arquiteto do diabo” sempre reforçava a tendência neoclassicista nos planos de fundo das construções do partido. É possível perceber ainda a influência da Cidade Luz (Paris) na capital alemã, que buscava superar em todos os aspectos arquitetônicos as cidades francesas. Hitler pretendia construir um Arco do Triunfo bem maior que o de Paris, além de construir uma avenida que superasse a *Champs Elysee*, com 120 metros de largura e 5 km de extensão.

De acordo com Lenharo (1986, p. 49),

[...] no pensamento hitleriano, a arquitetura teria também a função de projetar as ideias de seus realizadores no pensamento de outras nações. Berlim, a capital do grandioso império [...] deveria ser dotada de uma arquitetura megalomaniaca que espalhasse o esplendor e poderio da força alemã.

Dos ideais de beleza, de pureza e de eternidade do “arquiteto da destruição”, restaram algumas obras e uma extensão sem fronteiras de ruínas e de devastação em toda Europa, mas principalmente na Alemanha, onde a história nazista ainda se faz presente na memória do povo. Como Kurtz (1998, p. 90) bem coloca, a ambição e a necessidade de embelezamento do mundo talvez venham a preencher a inexistência de um motivo político para a morte de pessoas com deficiência intelectual e de judeus que não se constituíam como inimigos ou oponentes do regime.

A arquitetura foi toda planejada, assim como nas catedrais medievais, para abrigar a multidão, mas de forma ordenada e distribuída, possibilitando a interação com o líder. No regime nazista, o culto religioso transformou-se num culto cívico. A imagem do *Führer* recebeu a adoração e o respeito antes destinado aos pais e a Deus. Segundo D’Alessio e Capelatto (2004, p. 50), “Hitler só existe a partir das massas. Elas também constituem símbolo nacional”. As massas possuíam uma lógica própria, perdendo a racionalidade no seu interior, dando espaço para os sentimentos e as emoções.

### 2.3 A PROPAGANDA POLÍTICA

Enquanto o líder e as massas eram os ingredientes básicos para o sucesso e a expansão do nazismo, a propaganda política girou em torno de dois eixos importantes: o revanchismo alemão, que foi a reação contra as humilhações sofridas no pós-Primeira Guerra Mundial; e a volta ao passado, seguindo o apelo de recuperar a comunidade de origem. Nos mais diversos regimes, a propaganda se torna a principal forma de exercício do poder, valendo-se de ideias e de conceitos, transformando-os em imagens e em símbolos. O papel da propaganda, segundo D’Alessio e Capelatto (2004, p. 44),

[...] nos regimes em que o Estado, por monopolizar as mídias, exerce severo controle sobre ela procurando bloquear toda atividade espontânea [...]. Os mitos produzidos pelos regimes reavivam o desejo de felicidade

e comunhão, porque prometem um mundo ideal. A propaganda procura atuar em relação a sentimentos, instintos e imaginação, ou seja, a força que ela impulsiona e procura controlar é emocional.

A propaganda da época tinha por meta retratar os nazistas como descendentes corretos e membros aprumados da sociedade. Hitler criticava constantemente a sociedade moderna e urbana por ser, na opinião dele, imoral, e por proliferar, de forma desenfreada, o imoralismo sexual e a prostituição (WEIKART, 2021, p. 86).

Segundo os preceitos de Hitler em *Minha Luta*, a arte da propaganda consistia em ser capaz de despertar a imaginação política, apelando para os sentimentos (SILVA, 2021, p. 4). Isso mostra que havia uma questão psicológica atrás de todo o processo criativo das propagandas do governo hitlerista, sempre buscando novas formas de atrair e de manter os seguidores do nazismo. De acordo com D'Alessio e Capelatto (2004, p. 45), “nem só meios de comunicação como imprensa, rádio, cinema (em documentários) foram utilizados, mas também literatura, teatro, filmes de ficção, pinturas, arquitetura, ritos, festas [...]”.

Os valores que nortearam os preceitos da propaganda nazista foram os mesmos que norteavam a doutrina nazista. Conforme foi colocado por D'Alessio e Capelatto (2004, p. 47), “a ideia de pureza da raça superior, a substituição do individualismo pelo coletivismo, a valorização da nação como bem supremo, a exaltação do trabalho, a eliminação dos conflitos sociais pela cooperação entre as classes [...]” foram alguns desses princípios seguidos no processo de doutrinação.

Em determinado momento, Hitler nomeou Joseph Goebbels como Ministro da Informação Popular e Propaganda. O ministro acreditava que a Igreja Católica sobreviveu por mais de dois mil anos graças às repetições doutrinárias feitas pela instituição através dos anos, logo, o Estado nacional-socialista deveria seguir analogamente a mesma ideia (CRASNIANSKI, 2018, p. 115). Para Goebbels, as mensagens passadas nas propagandas deveriam ser curtas, repetitivas e com forte influência psicológica. Já para Hannah Arendt, a propaganda nazista era caracterizada pelo uso de insinuações indiretas, veladas e ameaçadoras. (CRASNIANSKI, 2018, p. 117).

A linguagem simples e agressiva, utilizada nas mais diversas propagandas do período, visava causar certas reações nos receptores, fazendo-os agir da forma esperada pelo governo. Além disso, havia a necessidade de que tais mensagens chegassem às partes mais incultas da população alemã. Com a obsessão de Hitler em transmitir uma visão positiva e vitoriosa dos exércitos, a mentira, a calúnia e as deformações, características do nazismo, faziam parte da propaganda hitlerista.

Goebbels cuidava de cada parte do processo de criação e de divulgação das propagandas do Partido Nazista. Além disso, o Ministério pelo qual ele era responsável possuía sete Câmaras de Cultura, sendo elas responsáveis pelas artes plásticas, pela música, pelo teatro, pela literatura, pela imprensa, pela rádio e pelo cinema. Goebbels era considerado autoridade suprema no que se refere às informações e tinha reuniões matinais para selecionar o que poderia ou não ser publicado nos jornais (CRASNIANSKI, 2018, p. 200).

A repressão se fazia intensa nos diversos âmbitos culturais. Os jornais ficaram proibidos de circular em alguns momentos do governo, e o cinema e a rádio também foram completamente controlados. Apesar da constante repressão das mídias, o cinema ganhou certos privilégios entre os demais campos culturais, já que o ministro era cinéfilo. Porém, a rádio acabou se tornando o meio mais utilizado pelos nazistas, tendo como parte da programação os discursos políticos, a comunicação de informações sobre os atos e sobre realizações positivas do poder, além da divulgação de mensagens de propaganda política.

Inevitavelmente, a propaganda se tornou onipresente em toda Alemanha Nazista. Os instrumentos utilizados pelo Ministério eram os mais diversos, a exemplificar: signos, símbolos, gestos, palavras e hinos que favoreciam o governo. Tais elementos poderiam resultar em medo, em exaltação, em agressão ou em delírio coletivo da população. O país estava sempre tomado por panfletos, por cartazes e pelos mais diversos tipos de lembranças visuais sobre o partido e o governo nazistas. A população normalmente se encontrava em êxtase, compartilhando gritos e *slogans* exaltando o governo, enquanto este causava um dos maiores massacres mundiais.

No que se refere aos espetáculos realizados, tudo era minuciosamente pensado, sendo o apelo visual o mais forte. Havia bandeiras e profusões para todos os lados. A organização, a sincronia dos corpos para com a música e as ondas humanas completavam toda a criação e a visualização de beleza. De acordo com D'alessio e Capelatto (2004, p. 48), “a natureza do poder do *Führer* era imposta como sobrenatural [...]. Na organização dos rituais, estavam presentes as tradições pagãs (germânicas, nórdicas, greco-romanas) e a liturgia cristã”.

### 3 CONCLUSÃO

Sabendo-se da importância do tema, é válido ressaltar como o nazismo foi um período obscuro na história. As crenças de determinados povos podem acabar por dizimar outros, visando a algo inexistente e inalcançável. As justificativas utilizadas durante todo o regime nazista, pautadas na superioridade racial de um determinado povo, mostram como as questões voltadas para a disseminação de ódio nos discursos, nas propagandas e nas mais diversas formas de arte são os principais meios para se chegar às massas.

É perceptível como as atrocidades do nazismo foram justificadas pela busca da pureza de um país e de seus habitantes, alegando a melhoria de uma nação através da eliminação de uma “doença” que, segundo os alemães, se tratava de pessoas com crenças e ideias diferentes. A dizimação em massa de judeus, de homossexuais ou de pessoas com deficiência foi validada em nome da busca pela pureza racial. A Segunda Guerra Mundial (1939-1945) se tornou um dos períodos mais sangrentos da história mundial, tanto pelas baixas em campos de batalha, quanto pelos milhões de mortos nos campos de concentração nazistas.

A busca incansável pela purificação racial da Alemanha Nazista, durante aquele período, ainda reverbera até os dias atuais. Essa busca mostra como a população mundial, de forma geral, prefere fechar os olhos para os erros e as atrocidades cometidos no passado, deixando-os acontecer novamente. Os diversos grupos neonazistas,

espalhados pelo mundo afora, mostram-se cada vez mais fortes e empenhados em colocar em prática novamente ideais e preceitos do nazismo. Há quem defenda a necessidade da criação de um novo Partido Nazista, apoiando-se na ideia equivocada de “liberdade de expressão” da população.

Conforme abordado no decorrer do trabalho, seria tolice acusar o darwinismo pelo Holocausto, como se um não conduzisse ao outro. É errado afirmar que o darwinismo por si só produziu a cosmovisão de Hitler, uma vez que é possível comprovar que muitos darwinistas chegaram a conclusões sobre ética e sobre pensamento social muito diferentes de Hitler. Porém, negar a influência do darwinismo nas ideias do líder nazista não seria justo, visto que quase todos os estudiosos do nazismo a admitem. Logo, o darwinismo não produziu o Holocausto, mas, sem o darwinismo, nem Hitler nem seus seguidores nazistas teriam os “fundamentos científicos” necessários para convencerem a si mesmos e a seus colaboradores acerca de uma série de ações “moralmente louváveis”.

A purificação ariana nos âmbitos arquitetônicos e nas artes recebe destaque devido à grandeza das obras e à busca pela transformação do país em algo que inspirasse o resto do mundo. Um dos planos arquitetônicos de Hitler era a transformação da Alemanha no novo centro do mundo e de Berlim na nova capital, tomando o lugar até então ocupado por Paris, na França. As transformações realizadas social, arquitetônica e artisticamente em qualquer país tomado durante o período nazista foram muito bem executadas. Essas transformações afetaram principalmente a parte social e a limpeza populacional, dizimando grande parte dos judeus existentes na Alemanha e nos países tomados, além de afetarem a forma como estavam sendo reconstruídos os diversos pontos importantes das cidades alemãs.

No decorrer de todo o período em que o regime nazista esteve em vigor, a sociedade e o país passaram por diversas mudanças, em sua maioria negativas, mas que mostram como um discurso bem estruturado pode alcançar as multidões e ir para além de sua época. Todas essas mudanças ocorridas na sociedade alemã ainda têm influências na sociedade atual, visto que ainda há grupos que acreditam na supremacia de determinadas raças sobre outras, muitas vezes vistas como inferiores. Portanto, é sempre importante lembrar as atrocidades do passado, para que elas não se repitam no presente e no futuro.

## REFERÊNCIAS

CRASNIANSKI, T. **Filhos de nazistas**: os impressionantes retratos de família da elite do nazismo. São Paulo: Vestígio, 2018.

COSTA, L. C. da. Linguagem e imagem. **Aletria**, Recife, v. 30, n. 2, p. 79-100, maio 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.35699/2317-2096.2020.22049>.

D’ALESSIO, M. M.; CAPELATO, M. H. **Nazismo**: política, cultura e holocausto. São Paulo: Atual, 2004.

KURTZ, A. S. Holocausto judeu e estética nazista: Hitler e a arquitetura da destruição. *In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO*, 21., 1998, Recife. **Anais [...]**. Recife: Intercom, 1998. CD-ROM.

LENHARO, A. **Nazismo**: o triunfo da vontade. São Paulo: Editora Ática, 1986.

LIBDY, F. D.; ANGELIM, J. de K. O.; MENDES, L. S. Hitler e nazismo: sobre arte, estética, comunicação e ideologia. *In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO NORTE*, 13., 2014, Belém. **Anais [...]**. Belém: Intercom, 2014.

SILVA, M. S. **Nazismo e arte**: o regime autoritário e expressões artísticas. Patos de Minas: UNIPAM, 2021. (Comunicação oral).

WEIKART, R. **De Darwin a Hitler**: ética evolucionista, eugenia e racismo na Alemanha. Campinas: Vide Editorial, 2021.